

PERSPECTIVAS DE FUTURO NO AGRONEGÓCIO DO LEITE NO BRASIL

Carlos Humberto CORASSIN e Paulo Roberto GRATÃO

Professores da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Garça/SP – FAMED - FAEF, UNITERRA

RESUMO

O agronegócio do leite no Brasil apresenta inúmeras peculiaridades que podem ser estudadas e aplicadas para que o setor desenvolva-se. Tais medidas levariam o produtor a se especializar na atividade, com conseqüente aumento de eficiência e estabilização de preços, transformando a atividade em um negócio competitivo com outros do setor primário, deixando de ser um instrumento social.

PALAVRAS-CHAVE: produção de leite, agronegócio, políticas públicas, desenvolvimento rural.

ABSTRACT

The dairy business in Brazil shows several parts that can be studied and applied for de improvement of the sector. These measures can make the dairy producer increase the efficiency and production, make the activity more profitable leaving the social aspect.

KEYWORDS: milk production, agribusiness, public policies, rural improvement

1. INTRODUÇÃO

O New Zealand Dairy Board (NZDB, 2005) estima que haverá um déficit mundial de 68 bilhões de litros de leite no ano de 2005. O mesmo órgão calcula que alguns países poderiam aumentar sua produção e reduzir este déficit para 32 bilhões de litros, que, por sua vez, poderiam ser supridos pelos produtores dos EUA ou de

países emergentes como o Brasil. Tal hipótese, se confirmada, faria com que houvesse uma verdadeira revolução em nossa pecuária leiteira, trazendo grande prosperidade para o setor. Resta saber se temos condições de aumentar nossa produção, visto que não atendemos nem mesmo as nossas necessidades, e se a qualidade de nosso leite é compatível com as exigências nacionais e, eventualmente, com as internacionais.

2. CONTEÚDO

Seria interessante analisarmos, de forma resumida, a evolução da pecuária de leite nos EUA para que possamos traçar um paralelo com a nossa pecuária. Alguns eventos importantes marcaram a pecuária americana:

- Em 1905, foi iniciado o programa de controle gerencial de rebanhos (DHI). Esta iniciativa partiu de alguns produtores do estado de Michigan e se estendeu por todo o país. Atualmente, mais de 60% dos produtores são filiados a esta cooperativa. Recebem mensalmente informações gerenciais que os possibilitam aumentar a produção por vaca em mais de 1500 kg de leite na lactação.
- Em 1938, foi iniciado o processo de granelização com conseqüente melhoria da qualidade do leite.
- Em 1980, foi iniciado, em âmbito nacional, o programa de análise de células somáticas.

Estes eventos, associados com as demais condições conjunturais americanas, fizeram com que o número de produtores reduzisse de 340.000 para 100.000 nos últimos 20 anos, porém, com a produção crescendo gradativamente. Atualmente são produzidos mais de 75 bilhões de litros em propriedades com tamanho médio, capazes de comportar 82 vacas. As condições financeiras dos produtores são boas para quem é eficiente. O preço médio para o produtor é de R\$ 0,43/l, porém, nos últimos 3 anos, variou de R\$ 0,48 a R\$ 0,59. Enquanto que o valor de descarte de vacas é de R\$ 1.000,00, o de reposição de novilhas R\$ 2.300,00, e o do farelo de soja R\$ 340,00/t (CEPEA, 2005). Estes preços, associados à disponibilidade de financiamento a custo compatível com a rentabilidade da atividade, têm feito com que o volume de leite cresça e o negócio prospere.

E no Brasil? Como estamos?

Cerca de 22 bilhões de litros são produzidos por 1,3 milhões de produtores. Mais de 97% das propriedades produzem menos do que 600 litros por dia. O negócio emprega mais de 3,5 milhões de pessoas e movimenta 12 bilhões de dólares por ano. Esta produção está concentrada nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Goiás, e é comercializada quase na totalidade com somente 4 empresas processadoras. Grande parte do leite não é refrigerada na propriedade, o que compromete a qualidade do produto. Pouquíssimas propriedades fazem algum tipo de controle leiteiro ou gerencial, ou seja, estamos dezenas de anos atrás dos americanos em termos de eficiência e qualidade do leite.

Com estas informações, concluímos que estamos frente a uma atividade de pequeno capital, baixo nível tecnológico, grande dispersão geográfica e baixíssima capacidade de negociação de preços. Tais fatores, associados ao conceito generalizado de que não é possível alijar do mercado aquele grande contingente de trabalhadores, fazem com que a pecuária de leite não seja considerada um negócio empresarial, mas, sim, um instrumento social. Com isso, dificilmente seremos capazes de suprir parte daqueles 32 bilhões de litros mencionados pelo New Zealand Dairy Board e nem mesmo atenderemos as qualidades mínimas internacionais.

E o estado de São Paulo? Dadas as suas condições estruturais, financeiras e tecnológicas, teria condições de aumentar sua produção?

Nos últimos 5 anos, a produção no Estado vem caindo vertiginosamente e o número de produtores diminuindo. Não possuímos estatísticas claras sobre estes números, mas informações obtidas em revistas de divulgação indicam queda da ordem de 20% na produção. O valor da produção reduziu de R\$ 700 milhões para R\$ 560 milhões em somente um ano (safra 96/97 para safra 97/98) de acordo com levantamento do IEA da Secretaria de Agricultura. Esta queda de produção é devida, principalmente, à saída do produtor da atividade, com venda total de animais, equipamentos e até de instalações.

Uma análise das razões desta diminuição nos leva a concluir que os produtores paulistas têm se retirado da atividade porque a consideram antieconômica e porque têm condições de entrar em outra, ou seja, possuem capital e conhecimento suficientes para iniciar outro negócio, o que não é possível de ser realizado pela grande maioria dos produtores de leite do resto do país.

Apesar deste clima pessimista, alguns produtores resistem e afirmam que a produção de leite no Estado vai crescer.

As razões desta reação estão, em primeiro lugar, no fato que temos um mercado consumidor muito grande; em segundo, que estes consumidores serão os primeiros do país a exigirem um produto de melhor qualidade; e, em terceiro, que o Estado possui capital para investir. A combinação destes três fatores fará com que o Estado caminhe para uma pecuária de leite especializada nos moldes da citricultura, cafeicultura, suinocultura, etc.

Para que isto aconteça, entretanto, algumas ações deverão ser implementadas em nível governamental, como, por exemplo:

- 1 – Incentivo ao consumo de leite produzido no estado;
- 2 – Fiscalização na implantação da IN 56 que visa melhorar a qualidade do leite produzido;
- 3 - Implementação de programas de financiamento da atividade.

Em nível de produtor, deveriam, também, ser tomadas medidas no sentido do aumento da eficiência da produção. Estas medidas seriam:

- 1 - Adoção de programas de gestão administrativa;
- 2 - Controle zootécnico e financeiro da atividade;
- 3 - Implantação de programas de produção de alimentos para o inverno;
- 4 - Controle de qualidade do leite através do uso de análises do leite;
- 5 - Investimento em benfeitorias para o aumento do conforto animal e da qualidade do leite;
- 6 - Uso de sêmen provado;
- 7 - Adoção de práticas integradoras entre produtores, fornecedores de insumos e compradores de leite aos moldes do já ocorrido com os setores avícolas e suinícolas.

3. CONCLUSÃO

Tais medidas levariam o produtor a se especializar na atividade, com conseqüente aumento de eficiência e estabilização de preços, ou seja, a atividade deixaria de ser instrumento social e passaria a ser um negócio competitivo com outros do setor primário.

4. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

CEPEA – Preços mensais agrícolas. Disponível em: <http://www.cepea.usp.br>. Acesso em 10/01/2005.

NZMB – NEW ZEALAND MILK BOARD. Milk statistical. Disponível em: <http://www.nzmb.org> Acesso em 10/01/2005.